Ano 18.º — Sabado, 22 de Agosto de 1925 — N.º 891

O DEMOCRATA

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Lusitania»
Rua Eça de Queiroz n.º 3 — AVEIRO

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda n.º 21

Semanario Republicano de Aveiro

Um discurso

Devido á sensação que, de norte a sul de Portugal, fizeram as palavras do general Gomes da Costa pronunciadas no ultimo sabado junto do novo ministro da Guerra, a quando da visita e cumprimentos da oficialidade da guarnição de Lisboa, seria da nossa parte uma grande falta se as não arquivassemos tambem nas colunas do *Democrata*, onde tantas vezes se tem prégado identica doutrina e defendido iguais atitudes.

Eis, pois, a fala do general que tanta impressão causou nos meios militares e politicos e ainda está destinada, segundo parece, a outros retubantes efeitos:

Sr. Ministro:—Impõe-me a minha graduação o dever de dirigir a V. Ex.ª algumas palavras em nome dos oficiais aqui presentes e se presume representarem todo o exercito.

Não tendo, porêm, conversado préviamente com eles, eu desconheço o que eles pensam ácerca desta convocação que a repartição do gabinete se não esquece de fazer sempre que um novo ministro toma posse do cargo e que, pela sua frequencia e imposição, não tem outro significado mais que o simples cumprimento duma ordem banal. Creio bem que, por isso mesmo, deve V. Ex.ª, que sempre tem sido um soldado, sentir, como todos nós, a inutilidade e até mesmo o ridiculo duma cerimonia que só se justificaria pelo entusiasmo suscitado após um alto feito militar, mas que em circunstancias normais tão vexatorio é para V. Ex.ª como para nós.

Tem, porêm, um aspecto por tal forma grave, que não pósso deixar de exprimir a V. Ex.ª a esperança em que estamos de que o governo de que faz parte saberá solucionar o incidente do *Guadiana* com a honra com que a Nação exige. Devo ainda acrescentar que este mesmo incidente veio corroborar a necessidade que ha muito venho proclamando de se cuidar a valer do Exército, mantendo-o *sempre preparado* para poder cumprir a sua missão:—manter a integridade do territorio e mostrar aos outros a existencia de garras que obstarão a que nos degolem como a cordeiros inofensivos.

V. Ex.ª que não é a primeira vez que exerce o cargo de ministro da Guerra, deve saber do mizeravel estado do Exército, desprovido de organisação, desprovido de instrução, desprovido de material, absolutamente incapaz de oferecer uma resistencia séria.

V. Ex.ª deve conhecer, como nós, a impossibilidade de mobilisação imediata duma simples divisão e da carencia de armas, munições, cavalos, viaturas, etc. Deve V. Ex.ª conhecer a desorganização dos diversos serviços militares e o desleixo que para aí vai. Um simples caso:

Na peninsula de Setubal têem estado, ha anos, deitadas no chão peças de artilharia para ali levadas de S. Julião e que têem todo este tempo estado á espera de um milagre que as coloque nas respectivas batarias.

Não me proponho a detalhar agora toda a nossa miséria; mas convem acentuar que não a desconhecem as nações que têem representantes em Lisboa, representantes que não são cegos nem tolos e teem o dever de informar os seus governos. Para lamentar é que sejâmos nós, os que do Exército fazemos parte, quem menos conhece a verdadeira situação militar de Portugal, devido á norma das repartições superiores que envolvem tudo num véu de mistério, a coberto do qual nada fazem e gosam duma reputação nebulosa de saber e austeridade.

Não ha muito que achando-me á testa da 4.ª Divisão do Exército e querendo inteirar-me do problema da defesa do territorio que comandava, eu pedi á estação competente para me confiar o plano de mobilização e defesa para os estudar; responderam-me que *os planos de defesa eram secretos* e portanto me não podiam ser enviados!

Pasmei e considerei esta resposta tão ridicula que preferi crer que não passava de uma simples fórma de encobrir a ausencia de qualquer plano e até hoje coutinuo com a mesma convicção. Cito apenas este caso entre muitos assás curiosos para demonstrar a V. Ex.ª a necessidade de alterar todo este estado de coisas, introduzindo uma reforma radical nos *usos e costumes* do Exército, por fórma a acabar com a mentira que nele reina e faz a fortuna de muita gente. E é destas e doutras causas análogas que vem a indisciplina que lavra no Exército, indisciplina provocada pelos de cima tambem com as suas faltas de tacto, de saber e de critério e sobretudo pela sua ausencia de espirito militar. Escuso de acentuar a necessidade de *preparação*, pois hoje com a complicada sciencia que é a guerra, não se improvisam exércitos e quem os não possuir bem preparados e organisados desde o tempo de paz será irremediavelmente batido ao entrar nela.

Preparada se dizia a França e contudo todos assistimos á rapidez com que os exércitos alemães se aproximaram de Paris. Poderá parecer estranho que tendo nós recebido ordem para apresentar cumprimentos a V. Ex.ª, cumprimentos que a tradição impoz como afirmação de passividade imbecil e confirmação com o estado de inercia mental a que nos teem reduzido, eu quebre essa norma chamando a atenção de V. Ex.ª para a falta de preparação militar do Paiz; mas. senhor Ministro, eu entendo que o meu dever como soldado que me orgulho de ser, consiste precisamente em dizer o que penso, para que ao derrocar-se esta nacionalidade se não diga que tendo uma oportunidade de chamar a atenção do governo para a miséria militar da Nação, eu a deixe escapar por comodismo ou cobardia. Fazendo justiça ás qualidades militares de V. Ex.ª, a quem conheço ha cêrca de 30 anos, desde que servimos sob as ordens desse grande soldado chamado Mousinho de Albuquerque que teve a coragem de se meter na sepultura quando começou a derrocada que conheceu não poder sustentar, fazendo justiça a V. Ex.ª, repito, eu convenço-me de que V. Ex.ª saberá preparar o Exército por fórma a que ele ocupe o lugar de honra que na nacionalidade lhe pertence, e sirva efectivamente para a defesa da Pátria.

Aljubarrota, Ex.mo Sr., não é um facto isolado na história de Portugal que pode repetir-se sempre que haja um governo consciente da sua missão e saiba pôr acima dos interesses particulares o interesse nacional e não faça da covardia uma virtude civica.

Organise V. Ex.ª, como é seu dever, os serviços militares; influa, como é tambem seu dever, para que o governo de que faz parte ponha em ordem a administração civil e financeira, cortando as cabeças a todos os chefes das quadrilhas que com a maior desvergonha e impunidade andam ha anos a esta parte comprometendo a honra da Nação, e pode V. Ex.ª estar certo que todo o Exército o apoiará entusiasticamente nesse trabalho.

Tem V. Ex.ª o coração colocado bem no seu lugar e de fórma a poder encarregar-se dum tal papel?

E' o que resta vêr.»

Nós e o Comissario de Policia

Enquanto não forem descobertos pelas autoridades, sejam elas quais forem, os miseraveis bandoleiros que, na noite de 8 do corrente, pretenderam alvejar-nos a tiro, todas as suspeitas de ter armado os facinorosos assaltantes continuam a recair, pela nossa parte e tambem por parte da opinião publica, no homem que aí se encontra á frente da corporação policial, desprestigiando-a, agravando-a, afrontando-a sem a mais pequena noção do brio a que devem andar ligadas as suas funções oficiais.

Chegou-se, neste país, á ultima degradação moral. E pela baixêsa de sentimentos manifestada a cada instante por muitos daqueles que deviam imprimir caracter e impôr respeito, não se mancomunando com quanto existe de infinitamente abjecto, despresivel, ignobil, breve se chegará egualmente á ultima *étape* da monstruosidade criminosa.

Pois bem: se entre os nossos inimigos alguns entendem que devemos pagar com a vida o nosso amor á verdade, a nossa dedicação á Republica, tal como a concebemos,—pura, imaculada, honesta—e todos os nossos sacrificios pela causa publica, matem-nos, se a isso os leva o seu facciosismo, a sua maldade incomensuravel, mas façam-no de frente, sem cobardias que envergonham nem fraquesas que aviltam.

A' traição hão-de concordar que é, alêm de barbaro, supinamente estupido.

A maior das vilanias

Aveiro significa-nos, pela fórma mais expressiva, a sua repulsa pelo atentado de que fomos alvo e de diversos pontos do paiz chegam-nos constantemente provas de afecto que muito nos sensibilisam, encorajam e desvanecem

A maior das vilanias que contra nós se tem cometido deu este resultado: demonstrar-nos duma maneira clara, iniludivel, que Aveiro, a nossa terra, o nosso amado torrão natal, se acha comnosco, tantas as provas nesse sentido expressas pelos seus habitantes e que comnosco se encontram tambem os amigos de fóra, os correligionarios, os colegas da imprensa, todos, enfim, quantos fazem justiça ás nossas intenções moralisadoras, á nossa lealdade, á nossa intransigencia com a corrução, ao nosso desassombro.

O que vai ler-se é apenas uma amostra, um palido reflexo, do muito que aqui temos comprovativo de que não estamos sós. O que vai lêr-se é o protesto veemente e consolador contra o crime urdido para nos fazer calar, para impedir esta voz de se erguer todas as semanas contra tudo que seja digno de censura e não possa ser tolerado para honra da Republica e desafronta da moralidade.

No meio de tanta baixêsa, de tanta bandalheira, de tanto cinismo que por aí campeia, as manifestações de solidariedade que até nós chegam constantemente dão-nos alento e animam-nos por forma a compensarem bem todas as agruras da nossa agitada vida jornalistica.

Agradecemo-las do fundo da nossa alma. E pedindo licença para reproduzirmos dos alguns telegramas e cartas dirigidas a este jornal, aproveitamos o ensejo, que novamente se nos oferece, de, a todos quantos nos teem escrito e aos colegas da imprensa, significarmos sincera gratidão pelas suas bôas palavras e expressões de sentimento que acompanham as de repulsa pela infamia dos nossos algozes.

Telegramas

De Lisboa, em 14
Arnaldo Ribeiro
Costa do Valado

Com os nossos protestos contra o infame atentado enviamos saudações, desejando rapido e completo restabelecimento.

Vieira da Costa

De Lisboa, em 12
Arnaldo Ribeiro
Costa do Valado

Minhas felicitações por ficares ileso de tão repugnante atentado.

Procopio Galapito

Da Vila da Feira, em 12
«Democrata»
Aveiro

Conhecida a agressão pelo Janeiro *acompanha-o com protestos veementes.*

Director do «Correio da Feira»

De Coimbra, em 13
Arnaldo Ribeiro
Aveiro

Protesto contra o vil atentado. Abraça-o.

Antonio Luiz de Paiva

De Lisboa, em 14
Arnaldo Ribeiro
Aveiro

Os meus protestos e felicitações pela sua saude.

Antonio de Certima

De Vila Nova de Gaia, em 12
Arnaldo Ribeiro
Aveiro

Aceite sinceros cumprimentos por ter escapado horroroso atentado. Protesto indignadamente. Contra tão extraordinarios malvados, espera-se honra justiça.

Rodrigues Pinho

Do Porto, em 12
Arnaldo Ribeiro
Aveiro

Cheio de surpresa e de indignação contra o vilissimo atentado que lhe poz em risco a vida receba os meus protestos de solidariedade e amisade.

Jorge Reis

De Alcacer do Sal, em 12
Arnaldo Ribeiro
Aveiro

Protesto contra o miseravel atentado só proprio de cafres, felicitando-o ao mesmo tempo por ficar ileso. Coragem e continue campanha contra bandidos.

Alberto José da Fonseca

Carta do sr. Aldobrando Leitão:

Quintans, 10 de Agosto de 1925.

Meu caro amigo

Felicito-o pelo atentado de que poderia muito bem, *por lapso*, ter sido vitima.

Felicitar um cidadão por que foi

"O DEMOCRATA,,

Por motivos alheios á nossa vontade, este jornal não se publica na proxima somana, do que pedimos desculpa aos seus assinantes, prometendo indemnisa-los da falta.

vitima dum atentado é alguma coisa no nosso paiz.

Em Portugal é de uso atentar-se contra a vida de quem? Precisamente dos cidadãos prestimosos, porque os pulhas, os pulhastras réles, que só encostados aos balcões dos tascos teem farroncas que tresandam ao asqueroso vomito do vinho e tabaco, não teem coragem para assaltar em pleno dia e em campo descoberto. Aproveitando a noite, como os bandidos maximos aproveitam as trevas para o crime, assim foram os quatro incognitos salteadores tentar contra a vida dum homem que, tendo posto em prol dos mais sãos principios politicos metade da sua existencia, morreria ingloriamente a uma esquina, em plena rua, sem poder, ao menos, defender-se, defendendo consequentemente o pão do seu lar, se os bebedos, se os brutos se teem enganado nas pontarias. Sim, porque eu ao mesmo tempo estou convencido que aquilo não foi a valer... No entanto, meu caro amigo, é preciso ter cuidado. Não quero dizer com isto que o meu amigo abdique dos seus principios de moralisador desta sociedade já em grande estado de decomposição moral, mas, couraçar-se contra os zagalotes dos bandidos, é absolutamente indispensavel já que eles são dessa laia.

Homem prevenido vale por dois e por isso, no momento proprio, não os deixando aproximar á distancia de o podorem escoicinhar, corte-lhes as pernas com duas balas

Abraça-o o

Amigo certo

Aldobrando Leitão

* * *

Carta do sr. Major Antonio Teixeira, governador civil do distrito:

... sr. Arnaldo Ribeiro

Venho testemunhar-lhe, por esta forma, a minha mal contida indignação ao saber pelo *Comercio do Porto* do vilissimo atentado de que V. ia sendo vitima. Faço votos pelo seu pronto restabelecimento ao mesmo tempo que, apresentando-lhe os meus cumprimentos, lhe ofereço o meu insignificante prestimo nesta minha terra.

E' possivel que não regresse a Aveiro e por isso eu ficaria de mal com a minha consciencia se, nesta hora, eu não tivesse este gesto que corresponde, embora palidamente, á correcção e afabilidade com que directa e pessoalmente V. me tratou durante a minha larga permanencia nessa capital de distrito.

Creia-me pór tudo muito grato e

At.º Vd.or e Ob.º

Bragança, 15—8—1925

Antonio José Teixeira

* * *

Carta do indefectivel republicano e distinto clinico em Oliveira de Azemeis, dr. Lopes de Oliveira:

Oliveira de Azemeis, 13-Agosto-1925.

Meu caro amigo Arnaldo:

Acabo de saber a triste noticia do revoltante atentado contra ti levado a efeito em cumprimento dum plano concebido no estibordo duma esquadra em que a traição é o seu navio almirante e a cobardia o seu grande couraçado. Quizeram eliminar-te para que a tua pena não mais gotejasse a verdade, para que o silencio se aquietasse na impunidade duma situação de favor ou duma escandalosa protecção. Não conheço o quilate moral nem intelectual da soldadesca nem dos chefes ou comandante da embuscada impetrada nesse fusilamento dum adversario em noite tenebrosa e lugar deserto; mas sei o bastante para classificar os teus algozes como traidores e cobardes. E quem se serve da traição e da cobardia para em circunstancias de inferioridade liquidar um homem que tem por timbre a hombridade dos seus actos e por apostolado um ideal de convicções, é o maior dos bandalhos, porque é o mais asqueroso caracter. Mas neste paiz, aonde drapeja uma bandeira simbolo da emancipação social, que tem no seu intimo o arrostar dos grilhões da escravatura e que desterra homens pelo facto de se defenderem dos que por um abuso imperdoavel se esforçam por lhes matar á fome os entes queridos ou lhes escravisar a consciencia e a liberdade, para que sem receio se efectivarem os maiores roubos e enxovalhos aos cofres, honra e brios nacionais, não admira que se planeiem essas monstruosidades de que ias sendo vitima, que se executem numa promessa de absolvição certa e principalmente que haja homens que, em situação de relevo, defendam e aplaudam esses hediondos crimes. E' a pulnição da dignidade dum povo; é a profanação dos sagrados principios da honra individual.

Não te aconselho a que te retires da refrega, do teu posto de honra, da tua guarita de vigilancia, donde ha muito vens carpindo as desgraças de uma Patria que estrebucha entre as mãos filicidas da maioria dos seus administradores e governantes, de onde tens soltado, em gritos estridentes, a tua revolta e o teu protesto sinceros. Não, não fujas. Continua, que em Portugal nem tudo é podridão, e nesta hora de protesto e estima ha olhos que te choram de amor, bocas que te mitigam dôres, pulsos crispados que te martelam protestos, peitos verdadeiros que arfam anciedade, cerebros que dardejam aspirações sublimes e almas que embalam risonhas esperanças dum proximo dealbar de liberdade e de justiça. Fica, porque não ha republicano indefectivel, teu irmão no ideal de redenção, que neste momento não te abrace e não se irmanise com a tua situação de sacrificado. O que nos ultimos anos teem feito contra republicanos convictos de um passado induvidoso, daqueles que lutam desperdiçando conveniencias pessoais mas com os olhos fitos no bem do pobre, na infelicidade do oprimido, na ventura da Patria á beira do abismo, é a indicação formal que urge a união de todos os republicanos para voltarmos ao Cinco de Outubro, arripiando caminho, diluindo retaliações, concertando no mesmo enlevo planos que nos conduzam sem demora e em linha recta ao porto de salvação, que os precursores da Republica edificaram com o seu fertil pensamento, com a sua voz potente de vontade e com o seu sangue de martires. E' indispensavel que os campos politicos se estremem, limpando-os dos escalrachos que lhes dão um sujo e nojento matisado. E' preciso e já que nos arraiais republicanos só se encontrem homens que almejem o progresso do paiz sob a égide da Republica. Os que assim não pensarem, cautela com eles que são assalariados dos nossos figadais inimigos e está-lhes nos seios o sangue de traidores. Só uma transformação radical pode operar a salvação da Republica. Sem ela, dia a dia veremos desaparecer os nossos companheiros de luta, quer baqueando no tumulo pelo sôpro cobarde e traiçoeiro duma arma que duma encruzilhada se despeja, quer estiolando e mirrando-se nas plagas africanas empurrados pela ficticia força dum Judas.

Unamo-nos, que a victoria será nossa! Unamo-nos para fazer a Republica! Unamo-nos para acarinhar e fortalecer a Patria que definha sem uma lagrima de conforto entre as vaias duma quadrilha! Unamo-nos para que nos possâmos defender dessa horda que esvurma odios contra a nossa benevolencia! Unamo-nos para que a traição não dizime os republiconos que por contacto intimo a devassidão não corrompeu!

Portugal necessita, nesta ocasião de sobresaltos e lagrimas, de incertezas e dôres, que na administração dos seus bens e da sua justiça só existam republicanos e patriotas. Quando essa hora soar, já não ha esquadras de assalto nem criminosos condecorados.

Quando essa hora tanger, todos os portuguezes terão a plena certeza de que os seus direitos são religiosamente respeitados. A Liberdade e a Justiça deixam de ser mercadoria em leilão para recuperarem a sua virtude, a sua santidade.

Se não fizermos isto, e já, ámanhã da torre da egreja esvoaçar-se-ha o som plangente da morte dum republicano, vitima duma traição ou duma cobardia dum malandro ou duma matilha. Desculpa-me o desabafo, mas a revolta contra a infamia porque foste assaltado, sufoca-me.

Deixa-me estreitar-te ao meu peito num apertado e demorado abraço.

Do teu velho amigo

J. Lopes de Oliveira

(Medico)

* * *

Carta de outro dedicado republicano e prestimoso aveirense:

Lisboa, 16 de Agosto de 1925

Meu presado amigo

Ao receber hoje o *Democrata* e, ainda na mão do correio, ao lêr—Suprema cobardia!—tive logo o presentimento do que se deu. E tive logo esse presentimento por ainda ha poucos dias ter dito a alguem: qualquer dia o Arnaido é vitima da sua profissão. Uma espera, um tiro disperso, uma agressão brutal...

Apezar da minha profecia, não julguei que fosse tão depressa e em condições tais. Os esbirros, armados pela mão do comissario, tinham, ao que parece, recebido ordens do seu chefe para levarem a efeito o mais monstruoso dos crimes! Não ha crime mais repugnante do que o de mandar matar o nosso inimigo quando não nos podemos defender. Vergonha das vergonhas! O que me desgosta é, sendo a minha terra tão liberal, como sempre tem mostrado, que ainda se consinta dentro dos seus muros quem deu origem ao mais nefando crime até hoje registado.

Meu amigo; não tenho palavras que o possam consolar; mas creia no meu maior protesto e receba um apertado abraço por ter saido ileso desse combate de féras.

Amigo certo

Manuel Coimbra

IMPRENSA

«A VERDADE»

Começou a publicar-se na Mealhada um quinzenario assim intitulado de cuja redacção faz parte o nosso amigo e conterraneo, dr. José Cardoso. Apresenta-se bem redigido e promete não falsear as intenções que deram origem ao seu aparecimento.

Vida desafogada e longa lhe desejâmos.

«A FOLHA DE TRANCOSO»

Acaba de completar 35 anos de existencia este semanario que tem por lêma *Intransigencia, Verdade e Justiça.*

Dirigido por Henrique Faria. Bravo, faltariamos ao mais imperioso dever se o não felicitassemos e ao restante pessoal de redacção pela forma como a *Folha de Trancoso* se tem desempenhado da ardua tarefa que se impoz, honrando a imprensa provinciana.

Aceitem todos, pois, um cordeal abraço por tão jubilosa data.

Cambio

A cotação de ontem foi a seguinte:

Libra..........	97$00
Franco........	$93
Dollar.........	19$90

Acabou o aguilhão!

Pelo sr. ministro da Agricultura foi assinado um decreto em virtude do qual fica proibido o velho uso do aguilhão para fazer andar os bois, dizendo-se que esta medida é tomada em consequencia dos prejuizos causados na pele dos animais e que ascendem, anualmente, a muitos milhares de contos.

Só a humanidade não tem quem lhe defenda a péle dos inumeros criminosos que a aguilhoam, tornando-a vitima a cada instante das maiores loucuras...

Já é ser infeliz!

Banda do 24

Parte ámanhã para a Curia onde dará concertos até o seu regresso, na segunda-feira, a nossa reputada banda regimental que tem por chefe o tenente sr. Manuel Lourenço da Cunha.

"Grupo Juvenal„

Esteve no dia 16 de passagem nesta cidade este grupo excursionista do Porto que nos dizem ter levado daqui as melhores impressões.

Foi-lhe servido um opiparo jantar na Pensão Leal, da Rua Tenente Rezende.

Notas Mundanas

Foi pedida em casamento para o sr. Antonio Ferreira da Silva, professor primario em Fiães, concelho da Vila da Feira, a sua colega sr.ª D. Noemia Dias, residente nesta cidade.

—Acaba de se sugeitar, em Agueda, a uma melindrosa operação. a sr.ª Baroneza da Recosta, dedicada esposa do nosso velho amigo Mario Duarte.

Fez a intervenção o abalisado clinico, dr. Antonio Breda, auxiliado por outros colegas, encontrando-se a doente relativamente bem disposta.

Os nossos votos pelo seu pronto restabelecimento.

— De Carvalhal d'Alva, Castro de Aire, regressou depois de ali fazer a sua cura de aguas, o sr. Ricardo Mieiro.

—Realisou-se no preterito sabado o enlace matrimonial do sr, Luiz Antonio de Almeida, tenente de infanteria 24 com a sr.ª D. Ana Duarte da Silva Serra, filha estremecida do ilustre capitão do mesmo regimento, sr. João de Almeida Serra.

Muitas venturas.

—Fizeram anos: no dia 17, as sr.as D. Ermelinda de Melo Cardoso e D. Maria Trancoso Magalhães; no dia 18, o sr. Rogerio Rodrigues Lago, empregado comercial em Viana do Castelo e o nosso particular amigo, sr. Antonio Maria Beja da Silva, director dos Expostos da Misericordia de Lisboa e no dia 21, o major Antonio Machado.

—Deu á luz uma creança do sexo feminino a esposa do sr. José Gonçalves Amaro, empregado nas Fabricas Geronimo Pereira Campos, Filhos.

—Com sua familia foi passar as ferias ao Furadouro o escrivão de direito, sr. Francisco Marques da Silva.

—Já regressou de S. Pedro do Sul á sua casa de Macinhata do Vouga, o sr. José Simões da Silva.

O "Capirote„

Não temos hoje pachorra, nem espaço, nem tempo para nos ocuparmos deste grande charlatão, colega do *Bébes* e por tanto integrado na sociedade dos *três em pipa* aí formada em homenagem ao *simpatico* comissario, cujas virtudes lhe continua a exaltar no meio das estridentes gargalhadas de quem os conhece e sabe do preço por que esses elogios foram comprados.

Sim. Porque o Comissario comprou-te—ó refinadissimo bandalho! A ti por doze contos, e aos outros, que não são de tanto comer, mas de muito beber, por copos de vinho. A cidade porêm, identificada com o que se passa já fez o seu juizo e a todos está julgando, distribuindo razão a quem a tem.

O Comissario, o *Capirote*, o *Bébes* e o da *voz*.

Mas que quatro!...

Ano escolar

Passou no exame do 2.º para o 3.º ano do curso geral dos liceus o academico Elmano Eduardo Cordeiro da Silva, filho do abalisado professor sr. Manuel da Silva Junior.

Os nossos parabens.

Sport

A sociedade de tiro anexa ao *Club dos Galitos* e que tem o n.º 38, procedeu á eleição dos seus corpos gerentes, tendo sido eleitos para a assembleia geral, como presidente, o sr. dr. André dos Reis, e secretarios os srs. José Duarte Simão e Alberto Casimiro.

Na direcção ficaram: Artur Reis, presidente; tenente Peres, secretario; Augusto Decrook, tesoureiro; Armando Madail e Manuel Felix, vogaes.

Apezar da distancia a que fica a carreira de tiro, as sessões teem sido bastante concorridas, só sendo para lamentar que esta não seja transferida para logar mais proximo e adquado.

Tcheca ou quê?

Com calma, com serenidade, sem receio algum da vil canalha, vamos apontar ao publico, desmascarar mais uma vez as maquinações da quadrilha de malfeitores.

E' assim, á luz do dia, bem de frente, que costumamos aparecer.

Não desvirtuamos as boas ou más intenções: apontamos factos apenas.

Conclusões quem quizer que as tire e que chame ás coisas pelo seu verdadeiro nome.

Vejâmos:

Quando eu apareci em publico, na imprensa, tratando do caso de roubo de importantes valores legados a minha mulher por o seu tio Dr. Artur da Costa Souza Pinto Basto, de Oliveira de Azemeis, fi-lo no legitimo direito que todo o cidadão tem de defender aquilo que lhe pertence e que lhe foi violentamente extorquido.

Tendo feito queixa do acontecido houve a intervenção da policia, intervenção por mim *ingenuamente* reclamada.

Do que se passou devem os leitores estar mais ou menos inteirados desde que tenham acompanhado a questão.

Pois bem: eu ainda não lubriguei descobrir (ou finjo não ter doscoberto) o motivo, a razão das lanças que se tem quebrado a favor do funcionario visado por mim—o comissario de policia de Aveiro—tanto mais que ainda ninguem deixou de estar absoluta e inteiramente convencido de que ele serviu a panelinha, calcando a lei.

Mas, admitâmos, em principio, que tal funcionario—o comissario de policia—cumpriu a lei e que quem está fóra da razão sou eu e quem está ao meu lado.

Havia necessidade de recorrer á violencia como no caso do atentado contra Arnaldo Ribeiro?

Evidentemente que não.

Ha, porêm, uma coisa interessante em tudo isto—é a descoberta que acabo de fazer da organisação de uma sociedade de malfeitores que é preciso desmascarar.

O atentado contra a vida de Arnaldo Ribeiro é um facto que não tem contestação possivel,

E isto depois de se ter publicamente incitado ao crime.

Mas ha mais: o comissario de policia, depois disso, esteve em Oliveira de Azemeis e soube ali que eu estava para o Porto e que tinha a minha residencia na estrada exterior da circunvalação, ao Monte dos Burgos, justamente duas casas abaixo da *Tiburcia* ou seja da sucursal do Restaurante Transmontano.

Pois leitor amigo: acabo de ser informado que o comissario de policia de Aveiro, *um homem vermelhusco, que gosta muito de vinho branco e parece ter olhos de chorar,* esteve ali, a cear, ha uns oito dias, juntamente com uns amigos.

Procurando-me? Não sei, nem me importa.

Conclusões qué as tire quem quizer.

O que garanto, isso sim, é que não me faz mossa tal coisa e que continuarei a ir para casa de dia ou de noite sem receio algum.

Para receber amigos tenho a minha casa, para receber inimigos tenho aquilo que falta a muita gente.

E fiquemos por aqui.

O tenente-coronel Ferreira do Amaral mandou os *legionarios* para a Africa e deixou por cá, a campear, uma nova edição da *Tcheca.*

Pois, meus amigos: mal irá áquele ou áqueles que se meterem em trabalhos porque eu sou mais duro de roer do que supõem.

Jorge Cruz Lopes dos Reis

O Democrata, *vende se na Arcada juntamente com os jornaes de Lisboa.*

Necrologia

Faleceu ás 23 horas de quarta-feira, o estudante Ernesto Casimiro Souto Ratola, de 20 anos, filho do sr. Pompilio Souto Ratola.

Tendo-se restabelecido duma grave doença que lhe poz a vida em perigo, de novo enfermou, ha dias, vindo a sucumbir aos devastadores e irremediaveis estragos do mal. O extinto, que tinha completado o seu 5.º ano dos liceus, era o que se chama uma joia.

Compleição delicada e debil, não poude facilitar, sequer, uma tentativa de resistencia na procura duma altitude, unico meio de salvação, por quanto, do amor dos seus e dos cuidados da sciencia, nada, absolutamente nada, lhe faltou.

E' profundissimamente triste ver tombar na sepultura a mocidade em flor, com o coração e a alma a desabrochar na vida, embalada pelas dôces ilusões da existencia, que são, atravez de tudo, o dôce enlevo dos sentidos e o suave decorrer da juventude.

O funeral do inditoso moço foi bastante concorrido, tendo-se realisado ante-ontem, ao fim da tarde, e encorporando-se nele tambem a academia com o seu estandarte envolto em crepes.

A' numerosa familia dorida, e especialmente a seus pais e tio, o nosso presado amigo dr. Alberto Souto, a expressão do mais vivo pezar.

— Tambem na Guarda, sua terra natal, sucumbiu, depois de um dolorosissimo sofrimento, o coronel Cesar de Andrade Pissarra, que durante largo tempo serviu na guarnição militar desta cidade, a todos se impondo pela sua conducta e afabilidade.

Chefe de familia exemplar, militar rigido, cumpridor dos seus deveres, soube conquistar entre nós uma atmosfera de consideração e estima e assim a noticia do seu falecimento teve uma triste resonancia no coração de quantos avaliaram os seus dotes de coração e de espirito.

A' familia enlutada, nomeadamente a seu filho sr. Antonio Pissarra, os pêsames de *O Democrata*.

Abundancia de pesca

Os pobres exultam, e com certa razão, ao verem o mercado abastecido de pesca, principalmente sardinha das costas do litoral, que tem sido vendida por preços relativamente baratos.

E se as companhas fossem este ano felizes durante a safra, não era tão bom para todos?

Correspondencias

Costa do Valado, 20

Estiveram esta semana nas Quintans de visita ao nosso amigo, sr. Aldobrando Leitão, seu irmão Godofredo, acreditado farmaceutico em Tentugal e o paroco da mesma freguezia, reverendo Antonio Gouveia Rodrigues, acompanhado de duas pessoas de familia.

Demoraram-se oito dias por estes sitos, dando frequentes passeios de que levaram as melhores impressões.

— Na avançada idade de 88 anos faleceu, no Ramal, Maria Brôcha, cujo enterro se realisou ontem de tarde.

— No domingo o *União Foot-Ball Club* voltou a jogar na Gandra com um *team* de Aveiro, vencendo por 4 a 0.

C.

Leilão de penhores

No dia 27 de Setembro e domingos seguintes leilão dos penhores com 3 e mais mezes em atrazo, da casa de penhores desta cidade, de João Mendes da Costa.

Ficam assim avisados os srs. mutuarios.

O leilão realisar-se-ha na R. Eça de Queiroz, 36.

Comunicado

Mamodeiro, 18 de agosto de 1925

...Snr. Arnaldo Ribeiro

No jornal que V. dirige com proficiencia, n.º 890, de 15 do corrente mês, vem publicado um oficio dirigido ao Ex.mo Governador Civil do distrito, no qual S. Ex.ª o Sr. José Moreira Freire péde a sua exoneração do cargo de Delegado do Governo neste concelho, fundamentando esse pedido no facto de ter concedido licença para uma festa e procissão em Mamodeiro, licença que, por ordem do Sr. Dr. André dos Reis, na qualidade de Governador Civil substituto, foi cassada no dia 26 do p. p. mês de julho, dia da festa.

Tenho em muita consideração a pessoa do Sr. José Moreira Freire simplesmente por as melhores referencias que a seu respeito tenho ouvido, lamentando ao mesmo tempo que S. Ex.ª se deixasse embalar pelo canto da sereia.

Não tenho razões que me levem ao convencimento de que o Sr. Moreira Freire alimente o capricho ou tenha o mau gosto de acalentar desordens, para só admirar que S. Ex.ª concedesse a licença em questão, quando, se me não enganaram, é certo que o digno funcionario estava conhecedor das discordias que lavram em Mamodeiro por culpa do paroco da freguezia (Requeixo), teimando uma parte em não querer festa ou procissão e outra parte, que se julga com direito a subjugar o primeiro grupo, em realisar uma e outra coisa.

Nesta divergencia de opiniões e ameaças, qual o caminho mais seguro?

Aconselha a prudencia que se devem evitar desordens das quais só resultam consequencias lamentaveis, e por este principio a autoridade local pretendia evita-las. Como? Não se permitindo a procissão que era o passo mais perigoso.

Segundo informes que reputo fidedigno informou-se para o governo civil, em data de 24 do referido mez de Julho, que de comum acordo com o regedor de Requeixo, estava deliberado fazer-se festa e procissão, e na administração do concelho foi dito que já estavam passadas as licenças, quando estas só o foram no dia 25 ás 16 horas. Como se entende isto?

Refere o sr. Moreira Freire no seu pedido de demissão já citado que o sr. dr. André dos Reis, governador civil substituto, é o capitão do grupo em discordia com o prior de Requeixo, facto que o levou a proibir a procissão de que se trata. Pedindo a devida desculpa, o sr. Freire não pesou a importancia do caso: o governador civil (André dos Reis) conhecedor dos desarranjos individuais do povo de Mamodeiro, e certamente informado ou pelo regedor desta freguezia ou por outra outras quaisquer pessoas, segundo meu modo de vêr, praticou um acto de prudencia que as leis aconselham e a razão impõe.

Sentiu-se o sr. Moreira Freira ofendido ou melindrado por não se cumprir o seu despacho? E' sua ex.ª que o diz.

Mas o regedor de Requeixo era um seu subordinado e como bom conhecedor do que se passava no logar onde reside com toda a certeza informou disso o seu superior e por esta razão pergunto á minha curiosidade:

Qual o motivo porque o sr. Delegado do Governo não tomou esses informes em consideração?

O sr. Moreira Freire foi iludido por esses que, tendo anteriormente ameaçado o paroco desta freguezia, são agora tão submissos quanto é proprio dos borreguinhos, a respeito do que se pode dizer—tal é o pastor como as ovelhas.

Termino a já longa e desataviada missiva em refutar a asserção do sr. Moreira Freire, quando está crente de que os vidros partidos em sete casas o foram por mandado dos proprios donos, com o fim de excitar os animos.

Perdão, sr. Freire: eu que sou um dos queixosos não pratiquei nem mandei praticar, e Claudio José Portugal estava na Costa Nova do Prado, e segundo o meu criterio não mandou e nem tem braços para vencer tal distancia.

Pedindo o obsequio da publicação destas linhas, subscrevo-me com subida estima

De V. etc,

Augusto Ferreira Marques

Comarca de Aveiro

Divorcio

Na acção especial de divorcio litigioso que pelo cartorio do 4.º oficio, deste juizo, Maria Luiza da Silva, tambem conhecida por Maria da Silva Carreirinhas, de Cacia, move contra o marido Eduardo Marques Bastos, morador em Lisboa, na Rua dos Remedios, a Alfama, 135, 2.º andar, foi, por sentença de 11 do corrente, que transitou em julgado, decretado o divorcio definitivo entre os conjuges, com os fundamentos nos numeros 2, 3, 5, e 6 do art. 4.º da Lei do Divorcio de 3 de Novembro de 1910. O que se anuncia para os efeitos legais.

Aveiro, 29 de Julho de 1925.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Sousa Pires

O escrivão do 4.º oficio,

João Lulz Flamengo

Farmacia de serviço

Está amanhã aberta a *Farmacia Ala.*

Em manobras...

Anda no mar uma esquadra de operações, composta de 13 navios de guerra portugueses, que tem por fim proceder aos exercicios navais ordenados pelo ultimo governo e sob um plano previamente combinado... antes dos movimentos revolucionarios, que não pegaram...

Dizer que não ha mais em que gastar dinheiro, não, porque as estradas, completamente em ruinas, ficaram por concertar.

Quando entrará o juizo na cabeça dos que, arvorados em donos do país, lhe estão preparando a ruina por todas as maneiras?